

**Embrapa****Uva e Vinho**Alexandre Hoffmann
Pesquisador, supervisor
de Comunicação e Negócios

Pesquisa agropecuária: soluções para o presente e o futuro

Com certa frequência, somos questionados sobre a velocidade da resposta a problemas enfrentados pelos produtores, técnicos e enólogos. Ou seja, há limitações tecnológicas no campo ou na cantina, percebe-se que a pesquisa pode contribuir para a solução, mas a resposta na forma de uma tecnologia pronta (também chamada de solução tecnológica) não surge de forma imediata. Por que isto acontece? Uma instituição de pesquisa e desenvolvimento não deveria dar uma resposta mais rápida?

Para esclarecermos estas questões, é fundamental levarmos em conta dois aspectos.

Em primeiro lugar, a pesquisa deve obedecer a um ciclo (identificação do problema de pesquisa, elaboração do projeto de pesquisa, experimentação, validação e transferência da tecnologia). Assim como ocorre no vinhedo, em que a uva precisa estar no ponto adequado de maturação para ser colhida, sob pena de que o vinho não seja de qualidade, a pesquisa precisa ser desenvolvida de tal modo que a tecnologia não seja incorporada ao sistema de produção sem estar devidamente pronta para tanto. Vamos usar o exemplo de uma tecnologia na área enológica: o pesquisador identifica um problema (por iniciativa própria ou por demanda de produtores), estuda detalhadamente o que já existe sobre o assunto, elabora um projeto (e esforça-se para obter os recursos necessários para sua implementação), desenvolve os experimentos em mais de uma safra, testa os mesmos em escala de microvinificação e depois em escala industrial (na Cantina da Embrapa ou em uma cantina privada) e, por fim, publica os resultados e transfere a informação aos demais enólogos. Isso requer tempo. Pode-se tentar encurtar este ciclo? Sim, especialmente se houverem recursos para a pesquisa, o problema for identificado claramente e a solução, relativamente simples. Mas tentar cortar etapas pode induzir a riscos de que, ao ser aplicada a tecnologia, o resultado seja aquém do esperado. A metodologia científica, utilizada pela Embrapa, por universidades e outras instituições de pesquisa, desenvolvimento e inovação, pressupõe não deixarmos de lado nenhuma destas fases. Daí a responsabilidade do pesquisador e da instituição em cumprir todas estas etapas, para, somente então, colocar a tecnologia para a sociedade. A interação entre os pesquisadores e o público-alvo é um grande aliado: quanto mais próximos estiverem, maior a facilidade de identificarmos problemas de pesquisa e superarmos as limitações naturais deste ciclo.

O segundo aspecto diz respeito à necessidade de termos um contínuo exercício de previsão. Não temos uma 'bola de cristal', mas existem métodos para que, na medida em que conhecemos as cadeias produtivas, possamos identificar cenários futuros, que venham a se traduzir em direções a serem seguidas pelos pesquisadores na busca do atendimento de demandas por inovação. Esta visão de futuro faz parte da atuação de cada pesquisador e, de forma conjunta, é a razão pela qual a Embrapa, aproximadamente a cada quatro anos, elabora o seu Plano Diretor, que é replicado, nas Unidades Descentralizadas (como é o caso da Embrapa Uva e Vinho). Este documento, conhecido pela sigla PDU (Plano Diretor da Unidade) é um guia que define quais as estratégias que serão seguidas durante os quatro anos seguintes. A mais recente edição do PDU (2008-2011) da Embrapa Uva e Vinho foi elaborada com a participação de empregados da Unidade e com uma forte contribuição de parceiros da iniciativa privada e instituições públicas. Lá consta o nosso compromisso, amparado em uma projeção do que é e do que será importante atingir para melhorar a competitividade das cadeias produtivas com as quais trabalhamos. Este exercício de previsão é fundamental para direcionarmos as nossas ações, especialmente se considerarmos o longo tempo para cumprir-se o ciclo da pesquisa. Por isso, foi um trabalho amplo e de grande empenho para que o documento traduzisse o que se espera (e o que é possível se fazer nesse tempo) da Embrapa Uva e Vinho. Foi essencial traçar este mapa estratégico, pois, quanto antes começarmos, tanto mais cedo chegaremos a uma solução tecnológica viável e adequada ao produtor.

Em um mundo dinâmico e ágil, é essencial que não aguardemos um problema se concretizar, mas sim mantenhamos um exercício contínuo de prospecção de cenários e de visão de futuro. O desafio está posto para as instituições científicas e tecnológicas: sem a ambição de sermos adivinhos ou profetas, temos de praticar esta previsão, de modo a reduzir o tempo entre o desenvolvimento e a aplicação de uma tecnologia pelo produtor, já que o conhecimento (e a sua aplicação, a inovação tecnológica) pode ser o grande diferencial para a viabilização econômica do negócio.